

MORFOPRAGMÁTICA DA INTENSIFICAÇÃO SUFIXAL EM PORTUGUÊS*

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ/CNPq)**

Resumo

Análise dos sufixos intensivos -íssimo, -érrimo e -érrimo à luz da interface Morfologia-Prosódia e da Morfopragmática. Efeitos contextuais da intensificação morfológica. Proposta da existência de função indexical nos processos de formação de palavras.

Palavras-chave: *sufixos, morfologia-prosódia, indexical.*

Abstract

Intensive suffixes -íssimo, -érrimo and -érrimo in Brazilian Portuguese and the Morphology-Prosody interface. The morphopragmatics of the suffixal intensification. The indexical function of the word formation process.

KeyWords: *suffixes, morphology-prosody, indexical.*

0. INTRODUÇÃO

Vista como recurso usado para efeitos de focalização ou ênfase (Gonçalves, 1997), a intensificação vem sendo caracterizada como uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes (cf. Brunner, 1995). Por esse motivo, está diretamente vinculada à perspectiva (ou ponto-de-vista) do emissor que, ao intensificar, orienta seu interlocutor para juízos de valor a respeito de algo ou

alguém, conferindo ao item enfatizado relevância tamanha que o torna marcado.

Variadas são as estratégias utilizadas para expressar intensidade em português (cf. seção 2) e, dentre elas, destacam-se as morfológicas, veiculadas pelos chamados afixos de grau. Dessa maneira, a intensificação dá mostras de um profundo relacionamento entre Morfologia e Pragmática, uma vez que a estrutura de palavras como ‘chiquérrimo’ e ‘ultra-barato’ serve como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do falante frente à audiência (cf. Dressler & Kiefer, 1990), o que justifica seu tratamento no âmbito da “Morfopragmática” (cf. Kiefer, 1998)¹.

Correlatos prosódicos desempenham papel igualmente significativo no realce de um vocábulo por intensificação. Nessa empreitada, podem atuar sozinhos ou sobrepostos às marcas textuais – advérbios focais ou afixos de grau. O alongamento excessivo da sílaba tônica pode levar à intensificação do vocábulo, independente de qualquer informação morfossintática, como se vê no exemplo (01). Em vocábulos que portam uma semântica intensiva inerente, como ‘péssimo’, ‘horrrível’, ‘terrível’ e ‘adoro’, que podem ser considerados enfáticos por natureza própria, a intensidade extra dada à sílaba inicial parece ser a marca prosódica da intensificação (cf. exemplo 02).

(01) E por falar nisso, a Dona Dalva fez ontem uma carne assada gos**TOOOOO**sa...

* Versão revista e ampliada do trabalho debatido no Workshop “Morfopragmática da (hiper)expressividade”, realizado na PUC-Rio nos dias 30 e 31 de outubro de 2000. Aproveito a oportunidade para agradecer aos colegas Margarida Basílio, Maria Carlota Rosa, Maria Paula Frota, Lívia Helena Loures e Antônio Sérgio Cunha pelas sugestões apresentadas durante o evento. Imperfeições remanescentes, no entanto, são de minha inteira responsabilidade.

** Doutor em Linguística, Professor do Setor de Língua Portuguesa da UFRJ e Pesquisador-Bolsista do CNPq.

¹ Cunhado por Dressler & Kiefer (1990), ‘morfopragmática’ é um termo auto-explicativo: denomina a disciplina teórica que descreve as relações entre Morfologia e Pragmática. No que diz respeito à derivação, ganha destaque a modalização apreciativa, através do qual o emissor imprime sua marca à palavra, deixando registrada sua impressão a respeito de algo ou alguém (negativa ou positiva). Essa área de investigação não só abriga, como também respalda, a investigação de processos de formação de palavras em que a função primária não é a sintática ou a semântica, como os sufixos intensivos analisados neste artigo. Processos como esses têm descrição bastante empobrecida em modelos formais, que enfatizam as condições de produtividade que operam sobre bases e produtos (cf. Kastovsky, 1986).

(02) Tenho a impressão de que o filme do Intercine vai ser um **H**Orror! Não gosto muito de filmes de terror. De aventura, eu realmente Adoro, mas de terror eu **DE**testo.

Neste trabalho, procuro mostrar que a intensificação morfológica manifesta pelos sufixos -íssimo, -ésimo e -érrimo tende a apresentar reforço prosódico e, paralelamente à exteriorização de atitudes subjetivas, também pode servir como meio de sinalização do falante (ou de grupos de falantes), apresentando função indexical². Ao que tudo indica, homens tendem a optar por estratégias sintáticas de intensificação ou por prefixos intensivos, evitando o uso de -íssimo, -ésimo e -érrimo, por perceberem neles forte associação com a fala feminina. Dessa maneira, haveria nos sufixos intensivos indício de vinculação com o falar feminino, de uma forma geral, e com o falar “gay”, mais restritivamente.

Com o objetivo de testar essa hipótese, rastreei dados a partir do Corpus PEUL conhecido por “Recontato” – acervo de fala informal e semi-espontânea constituído de doze informantes, seis de cada sexo, entrevistados no final da década de 90³. Para checar a atuação de possíveis marcas prosódicas na intensificação sufixal, utilizei o Programa Computacional CECIL, em sua segunda versão, que forneceu os quantitativos para os correlatos físicos controlados – duração, frequência fundamental (F₀) e intensidade⁴.

O texto aparece estruturado da seguinte forma: na seção 1, apresento os resultados da análise laboratorial, conferindo se existem marcas prosódicas sistemáticas nas formas X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo; na seção 2, observo como se distribuem as estratégias de intensificação nos informantes da Amostra Recontato-PEUL, para, a seguir, discutir a possível função indexical dos sufixos intensivos. Por fim, na seção 4, sintetizo as principais conclusões do estudo, sugerindo estender o que chamo de função indexical a outros processos de formação de palavras.

1. O REFORÇO PROSÓDICO DA INTENSIFICAÇÃO SUFIXAL

Num universo de cento e sessenta e dois dados, trinta e um envolveram sufixação intensiva: 20 com -íssimo, 8 com -érrimo e 3 com -ésimo. Submetidos ao CECIL, os dados revelaram forte atuação dos correlatos físicos, o que mostra haver um padrão prosódico regular associado às palavras que veiculam intensidade por meio de sufixos. Em todos os vocábulos, houve considerável elevação da frequên-

cia fundamental na primeira sílaba, independentemente (a) da distância em relação à tônica, (b) da extensão da palavra ou (c) da entonação modal. Além de proeminente em termos de altura, a primeira sílaba se mostrou saliente também quanto à intensidade. De fato, tal sílaba, por apresentar quase duas vezes mais amplitude que as demais, pode ser considerada superintensa. Vejam-se os exemplos⁵:

(03) Eu achei o bebezinho da A. **LI**ndésimo.

(04) Aí, quando eu vi que, que... é... ela já tinha chegado. Ela, ela... é... chegou **RA**pidíssimo.

A primeira sílaba pode ou não ser a mais longa do grupo e, conforme o caso, tende a condicionar a tônica em termos de duração. Quando a sílaba inicial é a mais longa, a tônica apresenta baixo tempo de emissão, como se vê em (05). Ao contrário, quando a primeira sílaba é breve, a tônica vem a ser a mais longa do grupo (cf. 06).

(05) Nunca vi igual... a menina era encapetada. Menina, a gurira era **LEE**vadíssima!

(06) A loja de roupa, tinha que ver... **CHI**quêeeerrima!

A análise laboratorial autoriza-nos afirmar que a intensificação veiculada pelos sufixos é solidamente acompanhada pela atuação dos correlatos prosódicos, o que leva a entender que a entonação funciona como reforço, podendo ser concebida como verdadeira “intensificadora da intensificação”. Dito de outra forma, há uma espécie de acento de intensificação nas palavras que materializam o grau através da derivação sufixal, acento esse que se manifesta, invariavelmente, na primeira sílaba.

O único dado que apresentou comportamento prosódico diferente foi (07), a seguir. Nele, manifesta-se o ritmo silábico, decorrente sobretudo da pausa entre as sílabas do item superlativizado. Os índices de duração e intensidade são relativamente iguais para todas as sílabas, criando, assim, um ritmo específico, caracterizado pela isocronia e pela falta de contraste entre sílabas acentuadas e não-acentuadas. Nesse exemplo, a palavra derivada tem suas sílabas literalmente escandidas, correspondendo ao que Cagliari (1992) chama de ‘fala silabada’.

(07) O que? Adoro ele, que ele é lindo demais, que é **GA-TÉ-SI-MO**!

² Termo tomando de empréstimo das abordagens fonéticas sobre Entonação (cf. Cooper-Kuhlen, 1986). Nesse sentido, apresenta função indexical todo e qualquer mecanismo que sirva como índice para o reconhecimento de certos traços sociolinguísticos do falante (classe social, etnia, faixa etária, sexo etc).

³ Para maiores detalhes sobre o *Corpus* Recontato, ver Marafoni (2000).

⁴ Maiores detalhes sobre o Programa CECIL podem ser obtidos em Gonçalves (1997) e em Yacovenço (2000).

⁵ Nos exemplos, utilizo as seguintes convenções para dar conta da atuação dos correlatos acústicos: (a) a sílaba em caixa alta é a que apresenta elevação na Frequência Fundamental (F₀); (b) o negrito representa intensidade extra; (c) alongamento de vogais simboliza reforço em termos de duração (quanto maior o tempo de emissão da sílaba, maior o número de vogais repetidas); por fim, (d) itálico simboliza queda de F₀.

Ainda assim, é possível afirmar que a informação morfológica vem acompanhada de reforço prosódico, o que leva a crer que o valor expressivo de formas como ‘lindésima’ e ‘cheiérriima’ não está localizado somente no sufixo, mas também nas proeminências acentuais da palavra derivada. Dessa forma, Morfologia e Prosódia atuam em conjunto na tarefa de veicular informações acerca da atitude do falante, que, nesse caso, realça positivamente o valor de um termo expresso na sentença. Há, nessas palavras, dois recursos lingüísticos que levam à expressão da intensidade: o acréscimo do sufixo de grau e o acento na primeira sílaba do derivado (ou o ritmo silábico).

O uso da marca morfológica de intensificação, acrescida do reforço prosódico, manifesta o impacto pragmático que algo (alguém ou um acontecimento) provocou no emissor. Mais do que expressar intensidade, tais formas põem à mostra a impressão do falante, seu parecer, e levam a audiência a também focalizar, pondo em primeiro plano o que passou pelo crivo do emissor. Por outras palavras, há, nas construções analisadas, duas funções que se sobrepõem: a semântica e a discursiva⁶.

2. SUFIXOS INTENSIVOS COMO MARCADORES DE ESTEREÓTIPOS

Afirmei, na seção precedente, que apenas 31 dos 162 dados rastreados veicularam intensificação através de sufixos. Dessa maneira, a derivação sufixal concorre com outras estratégias – sintáticas, morfológicas e fonológicas – na tarefa de atribuir intensificação. Dentre as estratégias sintáticas, destacam-se as comparações, as repetições e o uso de advérbios focais (cf. 08, 09 e 10, nesta ordem). Nas fonológicas, sobressai o alongamento da tônica e a escanção silábica (cf. 11 e 12, respectivamente). No âmbito da Morfologia, também prefixos podem expressar a noção de intensidade (veja-se 13).

(08) A B. é muito batalhadora... Corre de lá pra cá o tempo todo, vive fazendo mil coisas ao mesmo tempo... **Eu acho ela forte como um touro.**

(09) Tinha que ver, menina, lindinha a garotinha... **linda, linda, linda.**

(10) Muito legal a aula... O professor é bom demais, sabe tudo. Tem professor que nem precisa ler nada pra dar aula. Esse cara é inteligente **pra burro**, inteligente **pacas**.

(11) O engarrafamento na ponte tava de lascar. Tudo parado... Nada andava... **ÔOOOnibus** que não acabava mais.

(12) Eu não gosto muito de feijão não... Prefiro arroz, mas o que E. faz é simplesmente **MA-RA-VI-LHO-SO**. Ela simplesmente **AR-RA-SA!!**

(13) Sabe, J., eu sempre gostei muito de acompanhar tendências. Gosto de andar **arqui-arrumada**, até mesmo pra ir trabalhar.

Pelos exemplos, pode-se perceber que as estratégias de intensificação constituem formas alternantes de dizer a mesma coisa. De fato, o requisito do “mesmo” opera aqui de maneira bastante inequívoca, haja vista esses recursos serem idênticos com relação ao valor de verdade. No entanto, seu uso pode se diversificar quanto à significação social e/ou estilística. Em outras palavras, estou querendo argumentar que essas estratégias podem ser vistas à luz do ‘Princípio da Reinterpretação’ (cf. Lavandera, 1984: 49-50), pois *são formas alternantes que revestem o mesmo conceito, mas diferem quanto ao sentido estilístico-contextual, uma vez que este último pode reinterpretar-se como vestígio de um sinal codificado sócio-culturalmente* [grifo meu].

No Gráfico (01), aparecem os resultados da distribuição das diversas estratégias de intensificação segundo o sexo do informante. Observe-se que os homens optaram pelas estratégias sintáticas e pelo uso de prefixos, havendo apenas uma ocorrência de sufixo intensivo (no caso, de -íssimo). Não foi registrado um caso sequer de intensificação fonológica. Nas mulheres, ao contrário, as estratégias apresentam-se distribuídas mais uniformemente, muito embora só tenha havido 4 dados de intensificação fonológica⁷.

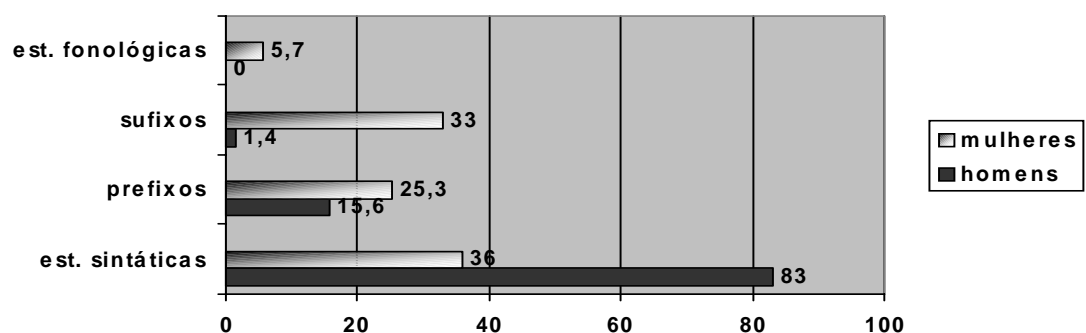


Gráfico (01): Distribuição dos dados segundo o sexo do informante.

⁶ As funções sintática (mudança de classe), semântica (acréscimo de significado) e discursiva (expressão de pontos-de-vista do emissor) são propostas por Basílio (1987) para caracterizar os processos de formação de palavras.

⁷ Foram 72 casos de intensificação na fala masculina (60 de estratégias sintáticas, 11 de prefixação e apenas 1 de sufixação). Nas mulheres, dos 90 dados, 4 foram de intensificação fonológica, 30 de sufixação, 23 de prefixação e 33 por expedientes sintáticos).

Abordagens sociolinguísticas tendem a explicar os resultados da variável ‘sexo’, tendo por base, fundamentalmente, a noção de ‘prestígio social’: mulheres se orientam para formas linguísticas mais prestigiadas na comunidade, sendo mais sensíveis às relações de valor que porventura possam aparecer impressas na fala (cf. Wolfran & Fasold, 1974; Oliveira e Lopes, 1995 e Paiva, Oliveira e Silva & Roncarati, 1992, entre outros). No entanto, essa explicação não parece adequada às estratégias de intensificação, que, ao que tudo indica, não se distribuem em função do *status* social das formas linguísticas.

Os resultados do Gráfico (01) parecem apontar mais para uma relação de estereótipos que de valores sociais. No meu entender, homens associam estratégias de intensificação que requerem forte atuação da Prosódia a outros fenômenos entonacionais, como a Qualidade da Voz (Cagliari, 1992), por exemplo, entendida como marca prosódica característica de um falante particular ou de um grupo de falantes. Por essa razão, formas como ‘chiquérrima’, ‘ellegantíssima’ e ‘gatésima’ seriam evitadas pelos homens porque tendem a ser vinculadas ao falar “gay”, caracterizado, nos dizeres de Thorne & Henley (1975: 115), por uma *aproximação exagerada com o feminino, quer pela escolha lexical, quer (e principalmente) pela entonação*. Se essa associação é verdadeira, qual seria a causa da aproximação entre o “falar gay” e o “estilo feminino” (cf. Aebischer & Forel, 1991), no caso das construções com sufixos intensivos? O que faz os superlativos serem tão marcados prosodicamente, a ponto de se associarem a um estilo vocal específico?

A sufixação superlativa pode ser considerada inerentemente marcada do ponto-de-vista fonológico⁸. Além de tônicos, os sufixos -íssimo, -ésimo e -érrimo têm em comum o fato de formarem proparoxítonos, o que, por si só, já torna marcadas as formas assim afixadas. Em -ésimo e -érrimo, destaca-se, ainda, o abaixamento dactílico (cf. Wetzels, 1992) – uma restrição de condicionamento prosódico que, em português, tende a proibir vogais médias altas em sílabas tônicas de proparoxítonos. Nos dois casos, portanto, a vogal do sufixo é aberta, uma média de primeiro grau.

Se, por um lado, não há dúvidas (a) de que proparoxítonas são mais marcadas que paroxítonas (cf. Bisol, 2000:133) e (b) de que vogais abertas são mais marcadas que fechadas, por outro, não pode ser essa saliência a causa da associação dos superlativos sintéticos aqui examinados com o estilo feminino. Deve-se procurar tal vinculação, na verdade, nos correlatos acústicos que fazem com que os

derivados sufixais fiquem ainda mais marcados prosodicamente.

Nas construções com sufixo de grau, as qualidades prosódicas inerentes (acento e abertura vocálica) são fortemente realçadas por um traço entonacional constante e particularmente característico: o acento enfático. Em vocábulos mais curtos, a primeira sílaba tende a receber intensidade e duração extras, levando a frequência fundamental a cair drasticamente na tônica (cf. **LIIN**désimo, **CHII**quérrimo). Nos mais longos, a primeira sílaba, apesar de intensa, é pouco reforçada em termos de duração. A tônica, por sua vez, destaca-se como duas (ou até três) vezes mais longa que as átonas, acentuando, ainda mais, a abertura vocálica, no caso dos sufixos que se iniciam por vogal média (cf. elegante**TÉEEEE**sima; chiquere**RÉEEEE**rrima), o que faz com que -ésimo e -érrimo⁹ sejam mais marcados que -íssimo.

É difícil imaginar formas como ‘cabeludíssimo’, ‘nojentésimo’ e ‘garotérrimo’ produzidas sem reforço entonacional, isto é, sem a prosódia que lhes é peculiar (o acento enfático). O baixo índice de sufixos superlativos na fala masculina pode ser explicado pelo padrão acentual requerido por eles: alongamentos excessivos não caracterizam o que Coulthard (1991: 21) chama de “sotaque masculino”. Durações ultralongas imputadas a uma sílaba – como as que marcam construções X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo – estão associadas ao “sotaque feminino”, levando à criação de um estereótipo prosódico instituído social, geográfica ou culturalmente¹⁰.

Dessa forma, a fim de não adquirirem características que os aproximem do feminino, a ponto de revelarem indícios de bases femininas ou homossexuais, homens tendem a evitar o uso dos sufixos superlativos em exame, optando por formas consideradas mais neutras ou, nas palavras de Coulthard (op. cit.:19), *menos suspeitas ou comprometedoras* – no caso, os advérbios focais (‘muito’, ‘pacas’), os prefixos superlativos (‘super’, ‘hiper’) ou as estratégias sintáticas de intensificação (comparações, repetições).

Ao que tudo indica, há nas formas X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo mais do que a expressão do impacto pragmático provocado por algum elemento do contexto interacional no falante. No meu entender, essas construções suscitam, também:

- (a) avaliação negativa por parte de um grupo de falantes;
- (b) associação com um estilo vocal específico; e
- (c) indícios de características sociolinguísticas de seus usuários.

⁸ O termo ‘marcação’ deve ser visto, aqui, como equivalente a saliência, proeminência ou destaque. Estou considerando como marcada uma propriedade (articulatória ou acústica) que se destaca mais do ponto-de-vista perceptivo e que é, portanto, *mais audível, mais característica, por chamar mais atenção e sobressair mais em relação a outra(s)* (cf. Cutler & Ladd, 1983). O foneticamente marcado, para Green (1992), *atua no limiar da percepção porque é diferente, peculiar e mais suscetível de monitoramento*.

⁹ No Rio de Janeiro, o sufixo -érrimo apresenta duas variantes com inserção de um início reduplicado em uma (-erérrimo) ou duas vezes (-ererérrimo). No caso da palavra ‘chique’, na qual se observa grande variação em termos de expressividade, registra-se, ainda, uma variante para -ésimo: -tésimo (cf. chiquetésimo).

¹⁰ Coulthard (op. cit.: 21) cita o volume (fenômeno relativo à qualidade da voz) como um estereótipo prosódico, pois, na cultura ocidental, *fala-se em uma “voz masculina grossa” e em uma “voz feminina fina”, o que resulta mulheres com voz grave e homens com voz aguda parecerem suspeitos* (p. 19) [grifo meu].

Estando correta essa hipótese, formas sufixadas em -íssimo, -ésimo e -érrimo apresentariam não só função semântica (por veicularem a idéia de intensidade) e função discursiva (por expressarem estados de espírito do emissor), mas também o que estou chamando de função indexical, levando a uma espécie de “radiografia” do perfil sócio-comportamental de seu usuário. Dessa maneira, o falante não só revelaria seu parecer sobre o que diz (função discursiva), como também seria revelado pelo que diz (função indexical), deixando transparecer, através de processos morfológicos, traços de sua identificação sócio-cultural.

3. EVIDÊNCIAS DE FUNÇÃO INDEXICAL NOS SUFIXOS INTENSIVOS

Como destaquei na seção anterior, os resultados do Gráfico (01) possibilitam inferir que a intensificação sufixal – como a que se materializa exclusivamente pela Fonologia – parece veicular informações relevantes acerca de estilos vocais específicos, funcionando, assim, como uma espécie de “sistema de sinalização” (cf. Thorne & Henley, op. cit.), socialmente estabelecido para definir papéis lingüístico-sexuais. Dessa maneira, conscientes de que formas X-íssimo, X-érrimo e X-ésimo podem estar revestidas de estereótipos e não lhes “cair bem”, os homens tendem a não intensificar através desses sufixos, optando por formas menos marcadas (ou menos comprometedoras), como as estratégias sintáticas e a intensificação prefixal.

O comentário abaixo, extraído de uma conversa informal entre três homens numa mesa de bar próxima à que eu estava no dia 07/07/2001, fornece uma primeira evidência de que sufixos intensivos são indexados ao que se pode chamar de “falar gay caricaturado”, nos termos de Moraes (1999). Descontraidamente, os rapazes descreviam o comportamento de um homossexual e, num momento da conversa, um deles fez uso do Registro – mudança momentânea na qualidade de voz habitualmente empregada pelo falante para efeitos de ironia, cor local ou reforço –, exclamando:

(14) O cara, né, gozadão... Nem um pouco discreto... O cara vive soltando a franga. Lá na Faculdade, ele vai todo afetado dizendo pras meninas: (mudança de voz, com trejeitos) “af eu cheguei ar-ra-san-do, de salto, chiquésima, elegantérrima, ma-ra-vi-lho-sa” (risos).

Como se vê, na tentativa de reproduzir a “fala gay” do conhecido, o rapaz recorreu à intensificação com os sufixos -ésimo e -érrimo, o que parece ratificar que essas formas estão associadas a um tipo específico de falante, apresentado, portanto, função indexical¹¹. A mudança na qualidade de voz evidencia que essas formas requerem entonação particular, não comum no que se pode chamar de “prosódia masculina” (cf. Aebischer & Forel, 1991). Destaque-se, por fim, o uso da escanção silábica – uma estratégia fonológica de intensificação (cf. seção 2) – para focalizar itens já enfáticos por natureza (‘arrasar’ e ‘maravilhosa’). Esse flagrante de juízo de valor sobre formas lingüísticas confirma a associação de -ésimos e -érrimos com o falar gay caricaturado.

Uma segunda evidência do caráter indicial de -íssimo, -ésimo e -érrimo provém de um teste de avaliação/percepção realizado com cinco indivíduos do sexo masculino¹². Solicitei a eles que se expressassem livremente quanto a 10 (dez) enunciados prototípicos em que o acento de intensificação se manifesta nos superlativos derivado sufixalmente¹³. As sentenças – gravadas em K-7 por um homem e por uma mulher – foram apresentadas uma a uma aos informantes: primeiramente na voz feminina e, logo a seguir, na voz masculina sem traços efeminados. Além de juízos sobre correção gramatical e questionamentos sobre eventuais “erros de português”¹⁴, pude colher depoimentos bastante interessantes sobre as formações em análise. Destaco os seguintes:

(15) Mulher tem mania mesmo de colocar tudo no aumentativo (sic!). Mulher exagera até na linguagem (Dan, 20a, Zona Sul).

(16) Ih! Caramba! Parece coisa de boiola (risos) ... Esse cara aí... heim? (risos) Não sei não, não sei não (Rub, 33a, Zona Norte)

(17) Sinceramente, eu não acho legal um homem falar assim não. Fica muito esquisito. Sabe de uma coisa: fica é ridículo mesmo. Esquisitão falar assim meio alongando, mole. Não pega muito bem não (Nel, 45a, Centro)

(18) Eu não falo assim não. É exagerado demais... Será que é tudo tão -érrimo (mudança na qualidade de voz, com alongamento excessivo da tônica) assim? (risos) Acho mais legal o ‘irado’ (Sil, 23a, Zona Sul).

Pelos comentários, percebe-se que a sufixação intensiva foi avaliada negativamente pelos informantes que participa-

¹¹ As formas X-íssimo tendem a ser mais neutras e muitas delas – sobretudo as que apresentam um substantivo como *input* – têm uso mais freqüente no falar masculino, como, por exemplo, ‘cervejíssima’ e ‘quadríssima’ (da praia).

¹² Todos residentes na cidade do Rio de Janeiro, universitários, com idade variando entre dezoito e quarenta e cinco anos.

¹³ As palavras com sufixo intensivo foram inseridas num período, a fim de evitar foco direto sobre elas. Todos os períodos apresentaram algum tipo de complexidade sintática (clivagem ou topicalização) para que o informante não dirigisse sua atenção diretamente para as construções sufixadas, como, por exemplo, em “O João, eu encontrei ontem na festa daquela sua prima gozadérrima, a Cláudia”. Apesar disso, solicitei que os locutores acentuassem bem as marcas prosódicas da intensificação.

¹⁴ Por exemplo, alguns informantes afirmaram que (1) *as sentenças estão gramaticalmente corretas* ou que (2) *elas não têm nenhum erro de pronúncia* ou ainda que (3) *eu acho que tá faltando concordância*. Outros me questionaram: *tem certeza de que há algo errado com elas?*

ram do teste. Em linhas gerais, essas construções foram taxadas como típicas do discurso feminino (cf. 15) e, por isso, estigmatizadas quando emitidas por um homem (cf. 16). A reação negativa foi despertada não só pelo uso dos afixos de grau, como também pela entonação (cf. 17). Por fim, ressalte-se consciência na escolha do tipo de ênfase a utilizar (cf. 18).

Todos esses depoimentos explicam a enorme diferença no uso das estratégias de intensificação por homens e mulheres (cf. Quadro 01), confirmando o valor indexical das formas X-íssimo, X-érrimo e X-ésimo no português do Brasil. Soma-se aos comentários outra evidência de que tais construções vinculam-se ao falar gay: o uso generalizado dos sufixos intensivos em revistas dedicadas ao público homossexual¹⁵. A título de exemplificação, considerem-se os seguintes trechos:

(19) A grande dama da noite foi Meimê dos Brilhos, que segurou o público, sempre **talentosésima** (...). **Belíssima**, Dos Brilhos levantou a galera, **carentérrima** de um show à altura (*Em Tempo*, p.4).

(20) Se você anda **nervosíssima** e já não agüenta mais essa de ficar grudada em aparelhos de ginástica, faça diferente, aproveite esse verão **quentésimo** para caminhar, andar de bicicleta, enfim, vamos inovar (*Babado & Cia*, p. 8).

Como se vê, na tentativa de buscar intimidade com seu leitor os articulistas recorrem a usos bastante naturais dos sufixos intensivos. Pode-se dizer, portanto, que as estratégias de intensificação constituem formas alternantes que expressam o mesmo conteúdo, mas diferem quanto ao significado estilístico-contextual, haja vista que sufixos superlativos, talvez em função da Prosódia requerida, reinterpretam-se como marcas do falar efeminado, sendo revestidos de “pistas” sócio-comportamentais.

4. PALAVRAS FINAIS

Nesta seção, gostaria de levantar questões não só sobre o uso dos sufixos intensivos, como também sobre o que

chamei, neste trabalho, de função indexical do componente morfológico. No primeiro caso, seriam realmente os sufixos os verdadeiros sinalizadores do falante ou, ao contrário, tal papel caberia à Prosódia? Em outras palavras, a associação de formas em -ésimo, -érrimo e -íssimo ao estilo efeminado se deve aos próprios afixos ou ao que chamei de acento enfático? No segundo caso, se a reivindicada função indexical for da responsabilidade dos próprios sufixos superlativos, ela seria exclusiva desse processo de formação ou outros igualmente se prestariam à identificação do falante?

4.1 A relação Prosódia-Morfologia nos superlativos derivados

Pelo que se expôs ao longo do texto, pode-se concluir que a função identificadora de construções superlativas sintéticas não se localiza apenas nos sufixos de grau, mas também na prosódia que elas requerem. Como mostra Moraes (1999), o estilo efeminado – que corresponde à *representação idealizada e exacerbada de um sub-estilo feminino, chamado de “afetado ou esnobe”*¹⁶ – caracteriza-se tanto pela seleção lexical quanto pela Entonação. Escolher os sufixos -íssimo, -ésimo, -érrimo, num conjunto relativamente grande de possibilidades para expressar intensificação em português, significa optar pelo recurso mais enfático que a língua oferece, de acordo com o *continuum* de intensificação¹⁷ proposto por Gonçalves (1997), que reproduzo logo a seguir

[+ enfático]				[- enfático]			
Sufixação Intensiva	Intensificação por alongamento	Silabação	Vocábulos Enfáticos	Prefixação Intensiva	Repetição	Advérbios Focais	Comparação
1	2	3	4	5	6	7	8

Por sua localização mais à esquerda, sufixos superlativos caracterizam elocuições consideradas extremamente enfáticas. Nos fonoestilos “gay” e “dondoca”, os mais caricaturados (cf. Moraes, 1999), -íssimos, -ésimos e -érrimos são de uso bastante generalizado. Por sua (hiper)expressividade, acredito que eles acabaram se vinculando a esses grupos de falantes, merecendo uma abordagem não só no campo da

¹⁵ Foram consultadas, no mês de março de 2001, as seguintes revistas: *G Magazine*, *Babado & Cia* e *O Tempo*. Agradeço à professora Margarida Basílio pela sugestão de procurar, nesse tipo de material, evidências do caráter indexical das formações examinadas.

¹⁶ Segundo Moraes (op. cit.: 8), o “falar gay” não se confunde com o feminino, mas com um sub-falar feminino, denominado de esnobe (estilo “dondoca” ou “perua”). Esses dois fonoestilos são extremamente caricaturados e marcadamente enfáticos. No plano acústico, manifestam-se sobretudo pelo “exagerado” reforço na duração de certas sílabas, bem como pelo comportamento assistemático da freqüência na sílaba que precede a tônica final de Grupo Prosódico.

¹⁷ Parte-se do pressuposto de que a intensificação é uma categoria gradiente. Dessa maneira, as estratégias de intensificação se distribuem em termos de gradação: umas expressam mais intensidade que outras. Construções superlativas sintéticas se localizariam mais à esquerda do *continuum*, por serem consideradas as mais enfáticas na expressão da intensidade: requerem adjunção de um sufixo + atuação do acento enfático (com participação ativa dos três correlatos físicos). À medida que nos aproximamos do extremo esquerdo do *continuum*, temos uma atuação mais “moderada” da ênfase, que ora se manifesta apenas através do acento enfático (estratégias 2, 3 e 4), ora é veiculada por recursos não necessariamente fonológicos, com participação cada vez mais discreta do acento enfático (estratégias 5, 6, 7 e 8). Os exemplos se encontram no início da seção 1.

Morfopramática, mas de uma possível “socio-morfopragmática”.

4.2 Outros processos com função indexical

Segundo Dressler (1986), são basicamente duas as funções envolvidas nos processos de formação de palavras: (a) a mudança categorial (‘esqueleto’/‘esquelético’) e (b) a rotulação (‘rã’/‘ranário’). A essas duas, acrescenta-se a função expressiva de avaliação (cf. Basílio, 1987), atuante em processos com modalização apreciativa (‘cheio’/‘cheinho’). Os resultados deste trabalho apontam para a existência de mais uma função, a indexical, típica de processos a partir dos quais é possível desenhar o perfil do falante. Se essa função é realmente ativa na Morfologia Derivacional, ela não pode se restringir à sufixação intensiva; outros processos igualmente devem levar à identificação sócio-comportamental do falante. Não seria esse o caso de formas X-aço, como ‘golaço’, ‘cansadaço’ e ‘afinzaço’, mais associadas à fala masculina? Também não seria essa a situação do truncamento (redução vocabular, braquissesmia), como em ‘cerva’ (por ‘cerveja’), ‘Maraca’ (por ‘Maracanã’) e ‘batera’ (por ‘baterista’), mais vinculado às faixas etárias jovens? Não seriam as formas X-inho de uso bem mais frequente no estilo feminino, sendo igualmente associadas ao estilo efeminado?

Sem dúvida alguma, todos os casos acima listados têm melhor acolhida no âmbito da Morfopragmática. Sem função semântica particularizada nem mudança categorial, tais processos se prestam muito mais à expressão de pontos-de-vista do emissor e, por isso, fatores contextuais têm consequência direta na emergência das formas derivadas. No que diz respeito à identificação do falante, no entanto, fica aqui o questionamento e a sugestão para pesquisas futuras. Por ora, concluo o artigo sugerindo que também o perfil do falante seja considerado no âmbito das condições de produção (cf. Kastovsky, 1986). De acordo com Basílio (1990: 6), diferentes fatores devem ser computados nessa esfera: (a) as condições lexicais paradigmáticas; (b) os parâmetros de naturalidade; (c) o tipo de discurso e (d) as condições pragmáticas que criam referentes a rotular.

A produção efetiva de formas X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo depende menos da especificação lexical do *input* que dos propósitos comunicativos do enunciador. Por seu alto grau de generalidade, os sufixos superlativos tendem a extrapolar os limites de categoria sintática nas bases, aplicando-se também a substantivos (‘cantoríssima’), a verbos (‘dormindérrimo’) e, até mesmo, a pronomes (‘euzésima’). São evidentes os efeitos expressivos que surgem a partir dessas afixações. No entanto, não somente (i) o tipo de texto (oral/escrito), (ii) o grau de formalidade da interação e (iii) o grau de intimidade entre os interactantes motivam o uso de tais formas. Os resultados deste trabalho indicam que

características do falante também devem ser consideradas no conjunto das condições de produção que atuam sobre a RPF responsável pela formação de superlativos.

5. REFERÊNCIAS

- AEBISCHER, V. & FOREL, C. (1991). *Falas masculinas, falas femininas? Sexo e Linguagem*. São Paulo: Brasiliense.
- BASÍLIO, M. (1987). *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- BASÍLIO, M. (1990). *Produtividade, função e produção lexical no português falado*. Campinas: ALFAL/UNICAMP, p. mimeo.
- BISOL, L., org. (2000). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- BRUNNER, M. L. (1995). *Processos de intensificação na fala culta carioca*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo.
- CAGLIARI, L. C. (1992). Prosódia: algumas funções dos suprasegmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 23 (1): 137-51.
- COOPER-KUHLEN, E. (1986). Function of intonation. In: _____. *An introduction to english prosody*. London: Niemeyer.
- COULTHARD, M. (1991). *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática.
- CUTLER, A. & LADD, D. R. (1983). *Prosody: models and measurements*. Berlin: Springer-Verlag.
- DRESSLER, W. & KIEFER, F. (1990). *Morphopragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- DRESSLER, W. (1986). Explanation in natural morphology: illustrated with comparative and agent-noun formation. *Linguistics*, 24 (1): 519-48.
- GONÇALVES, C. A. V. (1997). *Focalização no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2 vols., mimeo.
- GREEN, G. (1992). *Pragmatics and natural language understanding*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- KASTOVSKY, D. (1986). The problem of productivity in word formation. *Linguistics*, 24 (1): 585-600.
- KIEFER, F. (1998). Morphology and Pragmatics. In: SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.). *The handbook of Morphology*. London: Basil Blackwell.
- LAVANDERA, B. (1984). *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette.
- MARAFONI, R. L. (2000). *A amostra Censo Recontatada e os estudos de painel*. Comunicação apresentada na XV JIC. Rio de Janeiro: UFRJ/Fac. de Letras, mimeo.
- MORAES, J. A. (1999). *À propos des marques prosodiques du style effeminé en portugais brésilien*. Rio de Janeiro: UFRJ/Fac. de Letras, mimeo.

- OLIVEIRA, M. T. & LOPES, C. (1995). *Sexo: uma variável produtiva*. Rio de Janeiro: UFRJ/NURC-Rio.
- PAIVA, M. C.; OLIVEIRA e SILVA, G. & RONCARATI, C. N. (1992). *Sexo e sua relação com outras variáveis*. Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional da ANPOLL. Recife: UFPE, mimeo.
- THORNE, B. & HENLEY, N. (1975). *Language and sex*. Rowley: Newbury House.
- WETZELS, L. (1992). Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 23 (1): 19-55.
- WOLFRAN, W. & FASOLD, R. (1974). *The study of social dialects in American English*. New Jersey: Prentice-Hall.
- YACOVENCO, L. L. (2000). *O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, mimeo.